

A QUEM IMPORTA O CAOS?

Nesta aldeia cibernética repleta de influenciadores digitaisⁱ e cercada por algoritmos por todos os lados estamos nós; e quando digo nós, refiro-me à massa de indivíduos que diuturnamente vivem sendo alvos de críticas, notícias falsas, alardes e demais intempéries. Em primeiro plano temos os rótulosⁱⁱ. Sim, porque hoje todos somos rotulados, mesmo não sabendo disso; rotulam-nos como sendo de esquerda, de centro ou de direita; dizem que ou somos fascistas ou antifascistas; homofóbicos ou heterofóbicos; que somos racistas ou antirracistas; ou seja: precisamos ser rotulados, mesmo não desejando sê-lo, pois para a mídia social comprometida com seus próprios interesses precisamos ter posições, ou, caso contrário, seremos relegados ao esquecimentoⁱⁱⁱ.

Nesta aldeia digital isolada e dominada por inteligências artificiais que servem aos interesses de poucos, todos temos direito **a quinze segundos de fama, quinze minutos de ódio e cento e cinquenta anos de esquecimento**. E esse esquecimento parece ser mortal para alguns; todavia, para a maioria a vida segue. Persistimos em seguir em frente mesmo com pandemia, desemprego, ameaças provenientes de um bando de imbecis que se sentem donos de toda a verdade e que nós, cidadãos comuns, não conhecemos porque estamos preocupados em sobreviver.

Enquanto isso, em Nárnia, ops! Desculpe! Enquanto isso em Brasília, algumas centenas de políticos veem que tudo está bem; não movimentaram-se quando as pessoas começaram a morrer, mas agora decidiram instaurar uma C.P.I (Comissão Parlamentar de Inquérito) para mortificar os idiotas e punir incautos culpados. Quem são esses homens e mulheres que acham que podem decidir o futuro da nação, sentados de seus tronos esplêndidos comendo e bebendo sempre do bom e do melhor, esquecendo-se de que há fome, desemprego e angústia em todos os lares desse país; e digo todos porque mesmo aqueles que ainda tem como sobreviver, preocupam-se com seus semelhantes que nada tem sobre a mesa.

Cultivam a tal “Solidariedade”, que sabemos é passageira e deixam nas brumas a “Fraternidade” que é contínua e vibrante, pois com a primeira surgem os profetas de plantão que almejam, na verdade, colherem nossas ilusões levando-as consigo e nos atando ao seu conceito de sociedade justa e equilibrada^{iv}. Já me esquecia dos profetas sanitários que em um momento dizem que precisamos usar máscaras, isolarmo-nos e rezarmos; ora, rezamos todos os dias, mas, saímos na rua e o que vemos são pessoas sem máscaras, pouco preocupadas com seu semelhante; afinal, essa pandemia é como o evento do vírus da AIDS que no início foi chamada de “praga gay”!

Precisamos acrescentar a esse caldo informatizado governantes que também parecem viver em uma torre de cristal tomando decisões para depois recuarem com medo das consequências, apenas porque esqueceram-se de consultar quem os elegeu; ou ainda, aqueles que se põem acima de tudo e acima de todos, apenas para saciarem seus egos inflados, rotulando tanto amigos como inimigos, pois o que lhes importa é o caos!

Não podemos nos esquecer também dos magistrados, encastelados em seus gabinetes cercados por assessores, secretários e seguranças, tomando decisões sem olhar pela janela. Como disse um deles recentemente: o cidadão médio não consegue entender certas decisões que lhe afetam diretamente, revirando seu mundo de cabeça para baixo, porque elas não estão dotadas de senso comum. Restringem as ações policiais em comunidades esquecendo-se de que nessas “comunidades” além de centenas de milhares de pessoas de bem, também há meliantes travestidos com toda espécie de disfarces, impondo terror para os locais e para policiais, que como nós, são humanos e por essa razão essencial, cometem erros. E erros maiores cometem aqueles responsáveis pelo planejamento dessas ações que possivelmente pensam com administradores de custo: se houver um resultado de dez por cento com uma perda de apenas um por cento, esse resultado é o ideal!^v

Mas, para onde vamos? Prosseguiremos sobrevivendo além das expectativas, além das reformas e também além de políticos. Pergunta: que vínculo esses legisladores investidos pelo povo possuem com os cidadãos? Duvido que alguém tenha uma resposta satisfatória, talvez apenas adequada aos interesses de cada um. Nesta ilha globalizada sitiada por jornalismo de oportunidade; o que interessa são os lobbies; lobbies da indústria farmacêutica, da alimentícia, da automobilística e de todas as demais cuja razão de ser é lucrar acima de tudo.

E para a nossa segurança, temos ainda os tribunais instituídos pelas redes sociais que na terra de ninguém (leia-se: internet), exerce seus desmandos quase autoritários, dizendo o que podemos ou não postar, como se não houvesse mais direito à liberdade, que sempre é confundido com direito à libertinagem. Caminhamos assim: acreditando piamente que os de cima desejam o bem dos que estão abaixo; de que devemos sim liberar nossos dados para a rede; que perigo tem? Basta irmos a um centro de comércio popular para encontrarmos vendedores oferecendo CD's com acesso aos sistemas de segurança onde pode-se obter todos os dados de todos.

De fato, o Havaí não é aqui assim como não podemos ir para pasárgada, nos restando apenas sobreviver. Mas como podemos sobreviver em um mundo onde se privilegiam os privilégios? Furam-se filas para vacinação e deixa-se crianças e adolescentes em casa, alijados do conhecimento que em rede pública já é pífio, mas com direito à merenda. Adquirem-se tablets para distribuir, mas o acesso é ruim e o equipamento fraco. O governo diz que não há dinheiro, porém libera emendas parlamentares. O Ministro da Economia é taxativo em afirmar que é preciso “dar dinheiro para as grandes empresas e não para as pequenas”.

Temos uma miríade de arautos do sucesso e também do desastre; curiosamente, esses arautos não residem aqui; encontram-se instalados em outras paragens, seguros e ausentes, criticando o país sem estar aqui para conhecer a realidade do cotidiano em que crianças são mortas por balas perdidas, outras são aliciadas pelo tráfico e pelas milícias, e outras tantas sonham com uma refeição decente. Esses arautos desconhecem engarrafamentos, filas, transportes coletivos lotados, preços altos, desemprego e falta de oportunidade; mesmo assim, acham-se no direito de tecer comentários ácidos e destituídos de coerência, sempre apelando para a chamada “ameaça comunista” como o mal dos males.

Enquanto nos levantamos e vamos a luta, ouvimos esses arautos discursando pelos veículos de comunicação alertando e flertando com caos; temos aqueles que criticam o funcionalismo público, rotulando todos de “vagabundos que vivem à custa do Erário”, mas esquecem-se (ou omitem) que boa parte desses servidores são concursados e são aqueles que tocam, de fato, a máquina pública; omitem que os verdadeiros sanguessugas são os admitidos em cargos de confiança que não tem suas declarações de imposto de renda, disponibilizadas em portais públicos e muitas vezes não constam das listas também públicas onde se elenca o ganho salarial de todos os servidores, repito, concursados.

E o que importa mesmo é que o mal vem do oriente: a China! A ameaça à liberdade e também à democracia. Talvez tenham razão, mas esquecem-se que em um mundo globalizado (ou melhor, mundializado), todos dependem de todos. Que venham os políticos sempre oportunistas nos alertar do mal, um mal que é trazido para perto de nós para que sintamos necessidade de nos armarmos e nos prepararmos para o combate. Essa pregação alarmista ganha contornos insólitos quando os poderes da República entram em um choque desnecessário. Percebem que o Legislativo acostudou-se a provocar o Judiciário toda vez em que acham que o Executivo está agindo de maneira funesta? E fica a pergunta: onde está a independência harmônica desses poderes? Isso não importa, o que importa é o fato de que se tratava apenas de uma “gripezinha”, um “resfriadinho”.

O primeiro aspecto que é importante abordar, diz respeito à nossa matriz energética; que viveu, viu: dizia-a nos anos setenta que o Brasil possuía o maior potencial energético limpo do mundo com as hidroelétricas^{vi}, importante elemento estratégico infraestrutural cujo condão era atrair investidores; porém, o que temos hoje é lastimável! Impossível não perceber que o erro está na ausência de planejamento de longo prazo, relegado a segundo plano dentro do rol de interesses políticos escusos que açambarcaram todo e qualquer plano relativo à infraestrutura necessária a suportar o crescimento do país. Sob este aspecto, destacamos o seguinte excerto abaixo transcrito:

Crises energéticas e falta de energia estão cada vez mais presentes no cotidiano do brasileiro. Resultantes de má administração no setor energético e/ou por conta de condições climáticas, elas podem assolar residências, indústrias e cidades, deixando todos no escuro e sem saber como agir.

No Brasil, três grandes crises marcaram época: o Apagão de 2001, a Crise de 2015-2016 e a Crise do Amapá. Todas poderiam ter sido previstas e evitadas. E até mesmo após os estragos deixados, ações de reformulação de matriz energética poderiam ter sido implantadas a fim de recuperar o que foi perdido.

*O Apagão de 2001: 1ª grande crise energética do Brasil
De proporção nacional, a crise de energia de 2001 afetou o fornecimento e a distribuição do insumo entre 1 de julho de 2001 e 19 de fevereiro de 2002, e teve como principal agravante, a falta de planejamento e investimentos no setor energético brasileiro.*

À época, foi anunciado que talvez fosse necessário fazer longos cortes forçados de energia. Esses cortes forçados foram apelidados de “apagões” — daí o nome da crise — pela imprensa.^{vii}

Planejar significa prever para evitar; infelizmente, isso não desperta o interesse de eventuais candidatos a cargos políticos, pois, como se sabe “obras que não aparecem, não angariam votos!”; e a pergunta que fica é: quem paga o preço? Se pensou em “nós”, acertou em cheio! Isso é a clara demonstração inicial de a quem interessa o caos; via de regra, o caos interessa a todos aqueles que possam lucrar com ele de alguma forma.

A afirmação de que ante o crescimento natural das fontes de consumo tem como consequência a constatação de que o sistema encontre-se em seu limite, é uma afirmação na orla do pensamento do filósofo Schopenhauer, buscando justificar a crise como possuidora do germe de sua própria ineficiência, desonerando o indivíduo das responsabilidades inerentes e, mais uma vez, nos deixando a deriva de nossa própria sorte.

Não tenho a intenção de buscar culpados, pois creio que todos nós somos, de alguma forma, responsáveis por nossa situação atual; também não almejo emitir juízos críticos sobre políticos eleitos e autoridades constituídas; o que tenho em mente é questionar até quando nós pagaremos o preço! Se, democraticamente, alguém é eleito para perseguir os interesses da nação – e não apenas daqueles que o elegeram – porque ao final de tudo o que resta são acordos de bastidores, negociações espúrias? Isso sim é uma pergunta que não se cala nunca!

Pretendo tomar outros temas sobre essa mesma égide, mas neste momento, lanço o presente digressão com o intuito de fazer as pessoas pensarem; repito aqui meu bordão sobre eleições e partidos políticos: não tenho fé neles, mas como instrumentos da democracia, eu os respeito e acato sem hesitar ou recuar. O que peço é que afastem os rótulos e dogmatismos extremistas e concentrem-se no que é realmente importante: o futuro da nação que é o nosso futuro. Sempre acreditei nas pessoas e continuarei acreditando, mas a fé em uma melhoria contínua, em mim desapareceu, há muito tempo.

ⁱInfluenciador digital é um indivíduo que possui um público fiel e engajado em seus canais online e, em alguma medida, exerce capacidade de influência na tomada de decisão de compra de seus seguidores. <https://www.influency.me/blog/influenciador-digital/>

ⁱⁱA afirmação política. Sim, a rotulação de pessoas e relações pode ser usada para a afirmação política, se a entendermos como afirmação de uma posição e de poder. Isso pode ser facilmente compreendido nos mecanismos de formação de governos, ou de políticas públicas ou de Estado/Governo, por exemplo: **Eu sou brasileiro (um ser que vive em um território, com linguagem e costumes, relativamente comuns a outros indivíduos) que entende ser necessária a política de cotas para pobres (política de governo) para a diminuição das diferenças dos excluídos sociais (política de Estado). Ou seja, em uma única frase, fui capaz de usar três rótulos para me posicionar politicamente.** <http://www.minutopsicologia.com.br/postagens/2015/01/30/porque-os-seres-humanos-criam-rotulos-uns-para-os-outros/#:~:text=Por%20isso%2C%20o%20ser%20humano,a%20forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20grupos%20sociais.>

ⁱⁱⁱRecomenda-se: <https://www.epochtimes.com.br/o-perigo-dos-rotulos-politicos/>
e também: <https://sergioabranches.com.br/politica/274-o-mundo-se-divide-em-rotulos-vazios>

^{iv}É fundamental diferenciarmos solidariedade de fraternidade. Solidariedade é a ação de ser bondoso com o próximo, assumindo uma função de colaborador. Portanto, ser solidário consiste em ajudar o outro, com boas intenções e generosidade. Já a fraternidade consiste em uma responsabilidade recíproca, que emerge quando o ser humano não pode mais fundar sua vida no controle que tem sobre o seu ambiente, mas é obrigado a fundá-la sobre a relação com outro ser humano.

A solidariedade é um processo de via única, na qual doamos, mas sem esperar reciprocidade. A fraternidade por outro lado apresenta uma via dupla, ou seja, existe uma reciprocidade.

Diante desses conceitos, podemos concluir inicialmente que a solidariedade é uma atitude emergencial, mas não provoca mudança positiva no receptor, mas pelo contrário, o receptor acaba ficando aguardando a próxima “solidariedade” para beneficia-lo e continua na mesma condição. Esta postura acaba levando o receptor a tornar-se acomodado e sem uma solução ou perspectiva para tirá-lo daquela condição. O continente africano sofreu deste grande mal com as inúmeras organizações de solidariedade enviando doações de alimentos, vestuários, medicamentos e acabou educando muitas comunidades africanas a uma cultura de receptores sem mudança de realidade e continuamente dependentes. Portanto a solidariedade é um sistema vertical (doação de cima para baixo sem reciprocidade) e a fraternidade, um sistema horizontal (sistema com reciprocidade e ação bilateral). Disponível em: <https://www.umnovoamanha.com/single-post/2020/01/07/solidariedade-ou-fraternidade#:~:text=J%C3%A1%20a%20fraternidade%20consiste%20em,doamos%2C%20mas%20sem%20esperar%20reciprocidade.>

^v“Se assiste hoje o uso epidêmico do Supremo para resolver todos os problemas, ou seja, o Supremo é instado a decidir problemas que devem ser decididos na arena própria. Se, eventualmente, determinado partido político perde a votação na arena própria, ele não tem o direito de provocar o Judiciário para tentar reverter aquela solução, mas é isso que tem ocorrido diuturnamente, através de um fenômeno cujo o próprio nome é equivocado, que é a judicialização da política. O Supremo não pode intervir na política. A política é necessária, e em um Estado Democrático de Direito a instância maior é o Parlamento”, disse. “É contra isso que eu me volto, esse protagonismo judicial que fez tanto mal ao Supremo”, acrescentou. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2020-11/presidente-do-stf-alerta-para-excessiva-judicializacao-no-pais>

^{vi}Disponível em: https://ecen.com/eee40/analise_energetica_brasileira.htm#:~:text=No%20Brasil%2C%20a%20d%C3%A9cada%20de,na%20Oferta%20Interna%20de%20Energia.&text=A%20energia%20hidr%C3%A1ulica%20mant%C3%A9m%20taxa,longo%20de%20todo%20o%20per%C3%AAdodo.

^{vii}<https://www.focusenergia.com.br/crise-energetica-e-possivel-evitar/>